



A balsa. Replantação em fotografia por Juanielson A. Silva. Acervo da família, Bujarú - PA, sem data

CARTA PARA MEUS IRMÃOS E UMA COMUNIDADE



OS RIOS

Juanielson A. Silva



OS RIOS (S.M)

Lugares que demarcam passagens, entres, saídas e retornos.

Os rios. Replantação em desenho por Juanilson A. Silva. Acervo da família. Belém do Pará – PA, abril de 2018.





*O corpo é água
Gotas de chuva
Vala corrente
Que limpa, que suja
Experiências que a vida deixou.*

*O corpo é palavra,
Verso que desnubla
Mil torrentes
Fleumáticas em curvas
Que refazem os movimentos que o tempo realizou*

*O corpo é água de igarapé
Que dá alimento e sacia
A sede dos irmãos de mani,
Berço que a natureza criou.*

*O corpo é palavra sem ré,
Contínuo em espiral e meia,
rede das almas em devir,
desordem que a própria existência materializou.*

Liquidifique ou igarapé. Replantação em texto e desenho por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Belém do Pará PA, entre agosto e novembro de 2017.



Belém do Pará, 19 de maio de 2019.

Destinado a meus irmãos de sangue: Marcia C. Alves, Cleiton C. Alves, Joanielson C. Silva e Jardenilson A. Silva, e à comunidade de Concórdia do Pará.

Meus irmãos, Acreditem! Acreditem em seus sonhos, em seus corpos, em sua liberdade. Acreditem nos perigos que corremos como provas necessárias para chegar onde necessitamos estar. Acreditem, mesmo que não saibam exatamente no que acreditar. Acreditem principalmente em vocês, especialmente quando forem poucos aqueles que apostam em seu sucesso. Acreditem no porvir, porque atravessar para o outro lado de uma margem é sempre um caminho de fé, principalmente, em si.

Eu estou calçando as minhas sandálias e voltando a viajar, minha mãe diz que é cedo para partir, mas o tempo urge e sinto que já é hora de plantar em outros terrenos, dessa vez como um novo agricultor.

Meus últimos dois anos por aqui foram repletos de aprendizagem, uma verdadeira odisseia de um artista-farinheiro. Nessa jornada de volta para casa, aprendi muito sobre a vida, a Arte, a universidade e a família. Inclusive, sou muito grato pelo tempo que permaneci.

Contudo, vejo que tudo que aprendemos é sempre muito pouco quando objetivamos, por meio desta aprendizagem, transformar a nós mesmos e aqueles que nos circundam, necessitamos sempre de mais um pouco. Claro, depois desse tempo que passei por aqui, já não somos mais os mesmos e tampouco minha relação com vocês é, pois, acredito eu, estamos mais próximos, mais íntimos e mais conhecedores uns dos outros. Estamos aprendendo a nos (re)amar.

Bem, vos escrevo esta carta pois desejo que, assim como eu, e aqueles que 'por lá' já estão, um dia vocês também possam voar para outras terras e perceber que viajar é sempre um processo corporal e mental, que transforma a alma ao estimular o indivíduo a contemplar a vida diante de sua pluralidade em outros lugares e outros encontros e, assim, compreender mais sobre si e seus processos.

Todavia, para isso, é necessário falar sobre o atravessamento leviano da sabedoria.

Como alguns de vocês sabem, atravessadores são os sujeitos que pegam a farinha de mandioca no interior do estado, atravessam para Belém do Pará e vendem a mesma por um preço saturado, cobrando um valor muito desproporcional ao valor pago àqueles que a produzem. É desse tipo de atravessamento que eu falo, um atravessamento desleal e injusto, que não vê e não valoriza o outro como parte e potência necessária para um processo. É desse tipo de atravessamento que eu estou fugindo, porque minhas andanças entre Concórdia e Belém do Pará, para realizar minha pesquisa de mestrado, nestes últimos anos tornou-se um mapa de sensibilidade, que compreende o saber popular como fenômeno tão importante para o acontecimento da pesquisa quanto o saber artístico e acadêmico, e isso nada tem a ver com o atravessamento de saberes.



Essa trajetória se constrói a partir de minha experiência pessoal enquanto um artista filho de farinha que não atravessa, mas transversaliza os saberes de uma forma horizontal, rizomática e não hierárquica. É curioso, porque o ato de atravessar está “em alta” no meio artístico-acadêmico. Os intelectuais da Arte falam em atravessamentos de uma forma tão rotineira, sem, contudo, considerar as outras possibilidades de interpretação para esse termo. Mas, no meu caso em especial, não falo em atravessamento com a mesma naturalidade que escuto, pois aqui o ato de atravessar tem outra conotação. É algo que não desejo realizar.

Não desejo, e nem devo, ser um atravessador porque não quero ser um pesquisador que é apenas um monopolizador do conhecimento, ou um tipo de ‘transformador do conhecimento popular para o saber teórico-poético, porque minha pesquisa não sugere a apropriação da sabedoria do povo sobre o preparo da farinha de mandioca para “vendê-la de forma mais cara” em outros lugares, ela se dispõe a ser um processo íntimo de enraizamento e expansão desse conhecimento em suas diversas maneiras de manifestação, seja na Arte ou na vida.

Vejam, sempre me perguntam como fiz para permanecer tanto tempo em Belém do Pará, um lugar que não é minha terra de origem, e eu respondo: Escutando mais do que falando e falando quando fosse necessário.

Certamente o mesmo aconteceu quando retornei para casa, para fazer minha pesquisa

Acredito que, ao se permitir estar em “terras alheias”, é sempre necessário respeito e sabedoria para ouvir de forma adequada, sem nunca pretender apropriar-se do conhecimento que é compartilhado contigo. Apropriação nunca é o mecanismo mais adequado! A escuta sensível sim. Aquele que escuta em pé de igualdade ao outro, em estado de humildade constante, se faz digno diante da experiência de existir.

Acredito que, aquele que aprende a ouvir, seja com os ouvidos ou com o corpo em sua completude, aprende a existir nos espaços, a ponto de que as vezes não seja necessário que palavras sejam ditas para que se entendam os seus incômodos.

Certamente, não estou falando de ficar calado diante de atrocidades e situações de desrespeito, como vocês bem sabem, isso não me convém. [risos] estou falando de aguçar a sensibilidade para perceber o mundo e saber respeitar as tramas dos corpos diferentes do seu, bem como olhar para eles com tanta potência intelectual e sensível quanto a sua.

Sendo assim, nessa experiência, o corpo é sempre soma de um coletivo. Nela, minha experiência artística e de vida é atravessada pela a ‘voz’ dos produtores de farinha de mandioca, isto é, minha mãe, meu pai, meu avô, seu João, Dona Neuza e vocês, meus irmãos, e pela voz dos teóricos da filosofia e da Arte em potências singulares e igualmente necessárias para a criação do Rito Artístico Farinha poética.

Acredito que uma pesquisa em Artes que se dá apartada dos aspectos humanos em torno dela, distancia-se do que hoje eu compreendendo como fazer-pensar Arte/Dança. Em meu fazer-pensar Arte/dança, a vida é a pulsão necessária, é seu coração, sua voz e seu terreno. Logo, esta pesquisa também pertence aos farinha, pois foram suas palavras e seus conhecimentos que alimentaram a criação coreográfica ao proporcionar um conhecimento mais aprofundado dos procedimentos do preparo da farinha de mandioca e ao (re)memorar minha infância e outros aspectos



de minha vida. Foram seus corpos farinheiros que, por meio de suas histórias inter-relacionadas a minha, que me causaram o sentimento de pertencimento a uma pesquisa acadêmica, a uma obra de arte e a uma família.

Desta caminhada levo em minha bagagem memórias, rastros e (re)conhecimento. Nada muito valioso se visto por um valor capitalista de mercado, mas um verdadeiro tesouro se visto como uma farinha poética a ser compartilhada com o mundo, pois uma das coisas mais preciosas que aprendi com esta experiência artista-acadêmica e familiar foi que muito se fala sobre "seguir os passos" e pouco se fala sobre criar caminhos. Somos, desde nossa infância, educados a acreditar que a vida é uma escada pré-disposta a se subir, ou um caminho a se seguir, como "fulano" um dia fez, quando, na verdade, a vida é um processo contínuo de criação. Os meios são sempre inventados de forma subjetiva e específica para cada situação. Assim são os relacionamentos entre as pessoas, a Educação e a Arte.

*Por isso, **'Farinha poética: a coreocartografia familiar de um Rito Artístico'**, minha pesquisa de mestrado, que também é nossa (de um coletivo), em suas diversas maneiras de manifestação, não visa apenas atravessar o preparo da farinha de mandioca produzida em Concórdia do Pará para um processo criativo em dança. Não visa meramente reproduzir os gestos e a linguagem dos farinheiros, tampouco transforma-los em saberes acadêmicos que se sobreponham ao saber popular. Essa se aventura em possibilitar que esse preparo gere outros produtos. Produtos sensíveis, conhecimento artístico e acadêmico que carrega em si relações íntimas em um processo de retomada e renascimento de um sujeito enquanto parte de um todo, de uma realidade que durante anos esteve afastado. É a busca por pertencimento tanto ao preparo da farinha de mandioca, a sua família, a sua comunidade, quanto aquilo que ele está dançando.*

E, por isso, conseqüentemente, devo ter respeito com o que é atravessado, ou melhor transversalizado e, principalmente, com quem possibilita essa transversalização, isto é, respeito comigo, meus pais, meu avô, minha comunidade, meus amigos e vocês, meus irmãos.

Respeito é a chave para todas as viagens do saber e a construção de um ser pensante é sempre um processo de humildade diante do mundo. É preciso ter isso em mente antes de colocar a mochila nas costas e subir na balsa.

Atenciosamente, Juanielson A. Silva.

Filho da Dona Maria e do Seu Joanes; neto do Seu Manoel; irmão do Cleiton, da Marcia, do Joanielson e do Jardenilson; tio da Marcele, do Mauricio, da Edielen, do João Vitor, da Jeovanna Vitória, do Felipe e do Johnn Maycon; irmão-sobrinho do Izaías e primo-irmão do Wallace; cunhado do Edson; vizinho e amigo da Dona Neusa, do seu João e de sua família. Artista-farinheiro e morador da Rua das Flores, do bairro Vila nova de Concórdia do Pará, nordeste de um estado do norte do Brasil. Menino que cresceu fazendo farinha, explorando o mato, brincando no roçado, colhendo mandioca e plantando um futuro.



RASTROS DE UM CADERNO DE ARTISTA



Rito Artístico Farinha poética. Transplantação em fotografia por Bernard Freire. Concórdia do Pará - PA, dezembro de 2018



RASTROS DE UM CADERNO DE ARTISTA



Rito Artístico Farinha poética. Transplantação em fotografia por Bernard Freire. Concórdia do Pará - PA, dezembro de 2018